



## **O CURSO PRÉ-VESTIBULAR DA UEM E A PROMOÇÃO DE EQUIDADE**

Davi Alberto de Souza Talizin (Universidade Estadual de Maringá)  
Geovanio Edervaldo Rossato (Universidade Estadual de Maringá)  
Marcos Eduardo Parron Hipolito (Universidade Estadual de Maringá)  
Nathan Tonet Leite (Universidade Estadual de Maringá)  
Talissa Montalvão Marréga (Universidade Estadual de Maringá)  
Juan Garcia Binatti (Universidade Estadual de Maringá)  
E-mail: dastalizin2@uem.br

### **Resumo:**

Os chamados Cursinhos sociais, tal como o Cursinho Pré-vestibular da Universidade Estadual de Maringá (Cursinho UEM), ao buscarem proporcionar equidade social por intermédio do acesso ao ensino superior tentam valorizar a individualidade de seus alunos de forma a constituir um processo de ensino e aprendizagem que os trate como sujeitos históricos ao valorizar suas subjetividades e experiências socioculturais. Deste feita, entre suas especificidades, tais cursinhos sociais voltam-se via de regra a oferecer um conhecimento não necessariamente “conteudista” de forma a propiciar e a valorizar entre seus alunos, geralmente advindos de segmentos mais populares, habilidades próprias que os preparem para os vestibulares e para as suas futuras carreiras enquanto agentes de promoção de equidade. Para Bourdieu (2021) alunos são agentes e não meros atores executando roteiros, ao mesmo tempo, Praxedes e Piletti (2021) defendem que a educação deve respeitar e contemplar os interesses dos alunos subalternos promovendo uma formação crítica e inclusiva. Neste viés Taylor (1994) e Habermas (1983) afirmam que a educação deve evitar a opressão e promover um diálogo reflexivo e argumentativo entre educadores e educandos. Assim, o presente trabalho metodologicamente é guiado por uma discussão teórica, bibliográfica e crítica e, visa trazer reflexões acerca das experiências desenvolvidas em cursos preparatórios para o vestibular, especificamente, as realizações do chamado “Cursinho UEM”. Sendo que este, diferentemente dos cursinhos tradicionais, cuja gestão empresarial transforma a educação em uma mera mercadoria, valida-se numa perspectiva de cursinhos sociais e volta-se a oferecer uma educação mais inclusiva ao buscar constituir alunos historicamente vistos como hipossuficientes, em agentes de transformação social, evitando assim formar apenas candidatos meritocraticamente aptos a enfrentar com sucesso o processo seletivo do vestibular.

**Palavras-chave:** Cursinhos Tradicionais; Cursinho UEM; Alunos Agentes.

### **1. Introdução**

O objetivo desse texto é o de trazer reflexões, por meio de uma análise crítica, teórica e bibliográfica, acerca das finalidades e metodologias dos cursinhos pré-vestibulares tradicionais com as de cursinhos pré-vestibulares dito não tradicionais, que ao contrário dos



primeiros, atendem a um público mais vulnerável e socialmente mais excluído, especialmente, o de menor poder aquisitivo. Para tanto, buscamos elucidar a experiência do Cursinho UEM.

A forma tradicional e mais conhecida de ingresso no ensino superior no Brasil tem sido os vestibulares. Diante dessa situação, com o objetivo de preparar os estudantes para esses concursos, surgiram os cursinhos pré-vestibulares tendo em vista que:

[...] os exames vestibulares passaram a exigir conhecimentos cada vez mais específicos, transferindo-se muitas vezes conteúdos próprios do Ensino Superior para o curso secundário. Estas distorções tiveram efeitos desastrosos, tanto para a escola secundária, como para o Ensino Superior.

A escola secundária, incapaz de especializar-se ao nível dos inúmeros exames vestibulares existentes, repassa aos chamados cursos preparatórios (cursinhos) a responsabilidade de treinar os candidatos aos vestibulares. A partir do 2º ano do então colegial, os alunos eram transferidos para os "cursinhos"; estes, por sua vez, à margem do sistema formal, se permitiam toda a sorte de abusos, com turmas gigantescas, por exemplo. (Ribeiro, 1987, p.30).

Nesse sentido, vimos nascer e crescer uma indústria mercadológica voltada a lucrar mediante a preparação para o vestibular, guiada por uma característica essencial do capitalismo contemporâneo que equivale a transformação do saber em valor de troca em um empreendedorismo de si mesmo (Pucci, 2020, p. 84).

Segundo Laval (2003, p. 265) para este empreendedorismo educacional “Os chefes são animadores. Eles suscitam e dinamizam a confiança, mobilizam os afetos”. Assim sendo,

O poder é doravante uma "gestão", o comando é uma "mobilização", a autoridade é uma "ajuda": dirigir, hoje em dia, não é mais comandar, mas motivar; não é mais vigiar, mas ajudar; não é mais impor, mas convencer; não é mais se perder na complexidade, mas delegar. Dirigir é (...) "gerenciar", é "animar" e sobretudo é "educar" (Laval, 2003, p. 265).

Desta feita, segundo o referido autor este empreendedorismo volta-se a cumprir metas e a atingir objetivos, gerando, na prática, uma mudança de termos ou conceitos: poder transforma-se em gestão e vigiar passa-se a ser ajudar. Assim, o sistema de ensino regular, ao longo de décadas, desenvolveu-se ou estruturou-se ao lado dos chamados cursinhos pré-vestibulares (tradicionais) voltados a manter históricos *status quo* ao prepararem candidatos mais elitizados para processos seletivos meritocráticos e *excludentes*, contraditados pelos chamados cursinho sociais normalmente ligados a universidades, Igrejas e organizações não



governamentais diversos, em atenção a públicos mais vulneráveis que ensinam mediante objetivos, métodos e pressupostos de aprendizagem mais alternativos.

## 2. Metodologia

A produção desse texto metodologicamente pautou-se por uma análise teórica e crítica guiada por alguns referenciais bibliográficos que versam sobre educação e cursinhos pré-vestibulares. Nesse sentido, buscou-se trazer reflexões amparadas na pesquisa bibliográfica, que para Gil “[...] é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (2002, p.44). Para além das discussões bibliográficas, protagoniza-se o diálogo com a experiência desenvolvida pelo Curso Pré-vestibular da Universidade Estadual de Maringá (Cursinho UEM).

## 3. Resultado e Discussão

Via de regra os cursinhos tradicionais tipos empresariais, estão voltados a uma maior aprovação possível em vestibulares, sob o mantra de garantir aos filhos das classes mais abastadas a manutenção de seus *status quo* via o acesso a um ensino superior de qualidade. Para tanto, têm como meta repassar uma quantidade (enciclopédica) de conteúdos separados da experiência dos alunos e de suas realidades sociais. Tudo isto mediante uma lógica progressiva e formal de ensino que exige uma aprendizagem passiva e mecânica com constantes repetições, treinamentos, exercícios, recapitulações, avaliações e provas.

Na prática este sistema tradicional de ensino preparatório, diferentemente dos cursinhos sociais, contribuem sobremaneira para a legitimação e a manutenção de desigualdades diversas, ao mesmo tempo em que efetivamente não desenvolvem uma convivência democrática entre diferentes segmentos étnicos, raciais e sociais, pois, muitas das vezes, contam com um público mais homogeneizado advindo de grupos com maior capital econômico.

Segundo Praxedes e Piletti (2021, p.64):

Pode-se investigar em que medida a educação [...] pretende formar as novas gerações de grupos dirigentes ao mesmo tempo que mantém as desigualdades sociais e a subalternização dos trabalhadores, fornecendo a estes últimos uma formação tecnicista burocratizada, que contribui para a manutenção da hegemonia das classes dominantes, difundindo ideologias portadoras de concepções de mundo que legitimam as desigualdades sociais,



ou, ao contrário, possibilitam a construção de concepções de mundo críticas às e favoráveis à formação educacional unitária, autônoma, livre, e às condições de vida igualitárias.

Dentre as experiências educacionais que possibilitam a citada “construção de concepções de mundo críticas” e “de condições de vida igualitárias” podemos incluir o Cursinho UEM. Na condição de cursinho social o histórico de suas atividades demonstra que seu objetivo é o desenvolvimento de agentes, definidos por Pierre Bourdieu enquanto o "sujeitos que agem".

[...] A palavra "agente" serve contra a palavra "ator", que implica que existe um papel; e eu jamais escrevi a palavra "papel" porque ela remete à lógica modelo-execução: haveria um roteiro, e o ator executaria um papel que decorou de cor. Há toda uma filosofia da história e da ação no fato de dizer "ator" e "papel". Já a palavra "sujeito" evidentemente reintroduz toda a filosofia da consciência. Ela leva a dizer que os "sujeitos sociais são os sujeitos de suas ações e do conhecimento do mundo social, e a postular o conhecimento do mundo social por um ato tético de consciência. Na palavra "agente", temos pelo menos a palavra "ação", e também uma certa impessoalidade [...]" (Bourdieu, 2021, p. 99)

Deste modo, quando consideramos os alunos como agentes levamos em conta suas subjetividades e abstrações que podem produzir um conhecimento advindo de suas experiências e avançar para além disso. E essa é a meta do Cursinho UEM ao tentar desenvolver historicamente uma prática formativa “não conteudista” voltada a respeitar as individualidades de seus alunos, permitindo-os que desenvolvam habilidades próprias construídas e levadas por eles para dentro da sala de aulas e para a realização dos processos seletivos de acesso ao ensino superior. Ação essa que reitera a defesa de Praxedes e Piletti (2021), a qual apregoa a necessidade de lograr bons resultados educacionais, imersos em um processo de ensino e aprendizagem, que contemple os interesses e valores numa perspectiva crítica.

#### **4. Conclusão**

Os cursinhos pré-vestibulares sociais cumprem com um papel fundamental em prol da equidade ao diminuírem a reprodução de históricas desigualdades sociais provenientes do acesso ou não ao ensino superior, possibilitando ao que detêm menor capital social melhor desempenho no vestibular e melhor ascensão em suas carreiras profissionais ao ocuparem posição de maior prestígio cultural, político e econômico.



De acordo com o filósofo Charles Taylor (1994, p. 58) na ação de ensinar devemos sempre levar em consideração que não propiciar um reconhecimento equânime trata-se de uma forma de opressão, por causar danos ao indivíduo, prejudicando-o, inclusive, quanto a sua aprovação frente a um teste/avaliação para a entrada na universidade. Assim, Habermas (1983, p. 102) considera que o processo de aprendizagem invés de basear-se em conhecimentos legitimados pelos costumes e tradições deve se atentar para a necessidade reflexiva. Por esta razão o ensino deveria prezar pela necessidade do diálogo baseado na argumentação livre e na reflexão estabelecida entre educadores e educandos.

Portanto, diferentemente de cursinhos tradicionais que normalmente optam por um ensino mais “conteudista” cujo nível de exigência normalmente descarta as relações sociais, culturais e materiais dos agentes envolvidos no processo de preparação para o vestibular, o Cursinho UEM enquanto um projeto social de inclusão, desenvolve um trabalho educacional baseado no aluno agente detentor de *habitus e* subjetividades, de em seu capital cultural, econômico e social específicos. Deste modo, o Cursinho UEM desenvolve uma educação que de modo mais inclusivo, logra maior eficiência social, ao formar profissionais mais críticos e mais aptos à equidade ao qualificar seus alunos como agentes e ao alcançar excelentes índices de aprovação em vestibulares da UEM.

## Bibliografia

BOURDIEU, Pierre. Sociologia Geral. Vol. 2: **Habitus e Campo. Curso no Collège de France (1982-1983)**. Petrópolis, Vozes, 2021.

HABERMAS, Jürgen. **Para a reconstrução do materialismo histórico**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

LAVAL, Christian. **A escola não é uma empresa: o neoliberalismo em ataque ao ensino público**. Tradução de Maria Luíza M. de Carvalho e Silva. Londrina: Editora Planta, 2004.

PUCCI, Bruno; **A filosofia e os professores da educação básica em tempos neoliberais**. In: MENDONÇA, Samuel; GALLO, Silvio (Orgs.). **A escola: problema filosófico**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2020.

PRAXEDES, Walter; PILETTI, Nelson. **Principais correntes da Sociologia da Educação**. São Paulo: Contexto, 2021.



RIBEIRO, Sérgio Costa. **A visão de professores e alunos das IES hoje.** In: **Seminários vestibular hoje: coletânea de textos.** Brasília: MEC, setembro 1987. p.29-40.

TAYLOR, Charles. **El multiculturalismo y la política del reconocimiento.** México: Fondo de Cultura Económica, 1994.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo, SP: Atlas, 2002.